

A Interpretação Ambiental a partir de Olhos Proativos

The Environmental Interpretation from Proactive Eyes

Edione Teixeira de Carvalho¹ e Manuel Gozález Herrera². 1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso IFMT (Brasil). 2. Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (México)

Resumo

A interpretação ambiental é uma via de informação, reflexão e sensibilização no sentido promover a compreensão das mais diversas e complexas questões inerentes ao ambiente natural, cultural e social, através de um olhar crítico e reflexivo, viabilizando ações que promovam experiências de uso sustentável dos recursos naturais e culturais. Nesta perspectiva, a interpretação ambiental, enquanto via pedagógica e recurso metodológico, constitui-se em uma valiosa estratégia de otimização das interações entre o ser humano e seu contexto. A Proatividade é um conceito incipiente no mundo das corporações e trabalho. Pessoas proativas têm maiores possibilidades de conseguirem resultados exitosos e superar os enfrentamentos do cotidiano. Nesta perspectiva, os olhos dos educadores devem ser educados para verem um mundo de possibilidades e, assim, serem protagonistas e disseminadores de uma mensagem motivadora e que proporcione ações sustentáveis e significativas aos seus alunos. Esta investigação é resultado de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo proporcionar uma reflexão que contribua para uma nova postura e uma releitura proativa dos enfrentamentos cotidianos do aluno, a partir de uma educação norteada pela cultura ambiental, que busca alcançar resultados que efetivamente promovam a construção de uma sociedade cultural, social e economicamente sustentável.

Astract

Environmental interpretation is a way of information, reflection and awareness in order to promote understanding of the diverse and complex issues related to the natural environment, cultural and social, through a critical and reflective look, enabling actions that promote sustainable use of experiences of resources natural and cultural. In this perspective, environmental interpretation, while pedagogical and methodological resource way, constitutes a valuable optimization strategy of the interactions between humans and their environment. The Proactivity is a nascent concept in the world of corporations and labor. Proactive people are more likely to achieve successful results and overcome the everyday confrontations. In this perspective, the eyes of educators should be educated to see a world of possibilities and thus be protagonists and disseminators of a motivating message and provides sustainable actions and meaningful to their students. This research is the result of a literature search and aims to provide a reflection that contribute to a new attitude and a proactive reinterpretation of daily confrontations of the student, from an education guided by environmental culture that seeks to achieve results that effectively promote the construction a cultural, social and economically sustainable society.

Palabras chave

Interpretação ambiental, Proatividade, cultura ambiental, reflexão, Sustentabilidade

Key-words

Environmental interpretation, Proactivity, environmental culture, reflection, Sustainability

Introdução

A interpretação ambiental visa informar e sensibilizar as pessoas para a compreensão das complexas questões ambientais através de um olhar crítico e reflexivo, viabilizando ações que promovam experiências de uso sustentável dos recursos naturais e culturais. Considera-se, então, que a metodologia que se utiliza da interpretação ambiental é uma forma valiosa para se perceber o ambiente e otimizar as interações entre o ser humano e seu contexto ambiental. Já a Proatividade é um conceito incipiente no mundo das corporações e trabalho. Acredita-se que as pessoas proativas têm maiores possibilidades de conseguirem resultados exitosos e de serem capazes de superar enfrentamentos do cotidiano.

Nesta perspectiva, os olhos dos educadores devem ser educados para verem um mundo de possibilidades e transmitirem essa visão aos seus alunos. É preciso educar os olhos para ver um mundo melhor e mais bonito, essa deveria ser a primeira tarefa da educação. Um educador ou educadora jamais proporcionará um espaço de transformação pessoal, intelectual ou profissional se ele ou ela não conseguirem ver essas possibilidades.

Portanto, não se pode negar que muitas das mazelas da educação e das ações agressivas ao meio ambiente e a todas

as formas de vida podem ser resultados, também, das relações estabelecidas no contexto escolar, ou seja, no olhar dos profissionais, os quais são multiplicadores de valores e princípios que são norteados por seu estado emocional e espiritual, bem como da desvalorização da carreira e deste profissional por parte da gestão pública. Rubem Alves foi um grande defensor desta ideia, em sua trajetória de educador ele sempre defendeu que as palavras só têm sentido se nos ajudam a ver um mundo melhor, pois aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem e mais, o ato de ver não é um ato natural, precisa ser aprendido (ALVES, 1994).

Assim, espera-se através deste trabalho, uma reflexão que contribua para uma nova postura por parte dos educadores e uma reflexão proativa do ambiente e de possibilidades sustentáveis sobre este.

Neste sentido, entende-se que a maneira como se reage a um problema pode determinar os resultados, o que torna essencial essa leitura proativa em relação aos enfrentamentos da problemática ambiental e educacional. Assim, as investigações e difusões de ações proativas constituem-se, efetivamente, em uma via possível de construção de um estilo de vida pautado em perspectivas otimistas e em sentimentos de esperança e de crenças que sobrepujam os entraves que marcam a realidade das questões ambientais.

Desta forma, a interpretação ambiental, a partir da perspectiva de olhos proativos, possibilitará o fomento de comportamentos e ações significativas no sentido de alcançar resultados que contribuam para a construção de uma sociedade sustentável cultural, social e economicamente.

O contexto atual do cenário educativo brasileiro não é dos mais favoráveis, visto as diversas publicações no que se refere à qualidade do ensino e aprendizagem, às condições emocionais e motivacionais de professores e alunos, entre outros. Alves (1994) diz que é necessária a alegria no ato de ensinar, todavia o ambiente escolar, na avaliação dos alunos está mais classificado como sofrimento do que propriamente alegria. Para este autor, se fizer uma pesquisa entre jovens e adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas poucas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender.

É generalizada a opinião de que é preciso uma forma de intervenção que venha contribuir para a reversão deste quadro caótico em que se encontra a educação brasileira, sobretudo no que se remete ao estado emocional dos agentes participantes deste processo, sendo que os professores precisam encontrar sentido no ato de ensinar e os alunos no ato de aprender. Desta forma torna-se interessante a ideia de buscar nos comportamentos proativos

uma alternativa para a educação, sendo que esta pode ser uma possibilidade de um olhar de otimismo e renovação, o qual possa promover uma mudança comportamental, convergindo em resultados favoráveis ao processo educacional.

Antecedentes históricos da interpretação ambiental

De forma geral, a interpretação ambiental começou pela necessidade de exploração de outras regiões pelo homem. Nesta atividade, o membro mais hábil do grupo, ou quem já havia tido um contato prévio com a área, percebia e interpretava os sinais da natureza, da região e dos povos que ocupavam as áreas visitadas e compartilhavam essas interpretações aos demais (MURTA; GOODEY, 2002).

De acordo com registros históricos, a interpretação ambiental começou a ocorrer com viagens exploratórias e, em seguida científicas. No Brasil, com a chegada dos portugueses, registrou-se as características que foram observadas em relação ao contorno da costa, a natureza e os habitantes nativos. Na medida em que se aventurou no território, continuavam com seus registros para facilitar o ingresso aos exploradores futuros, que traziam essas anotações, e as interpretavam e as completavam (MICALDAS, 2004).

Com as expedições portuguesas, chamadas Bandeirantes, através de grupos conhecidos como Entradas e Banderas, as quais buscavam pedras e metais preciosos, os exploradores partiam principalmente de São Paulo e utilizavam os índios como mão de obra e guias. Algumas expedições duraram muito tempo, como a Fernão DIAS PAES LEME, que durou sete anos.

Posteriormente, pesquisadores como MARTIUS, principalmente na área de botânica, e Peter LUND, na espeleologia e área paleontológica, realizaram várias expedições científicas no Brasil e deixaram registros sobre o caminho percorrido, a natureza observada, os resultados, etc. (SPIX, MARTIUS, 1976). Resumidamente, estes são os antecedentes reconhecidos na literatura relacionada com a temática da interpretação ambiental, isto é, desde que o homem sentiu a necessidade de se estabelecer, de reconhecer o contexto natural em que ele ia se deslocando, teve que recorrer a uma forma de desenvolver sua capacidade de observação, percepção e interpretação do meio ambiente. Atualmente, a interpretação ambiental está associada ao surgimento do Ecoturismo, visto que cada vez mais pessoas estão fazendo trilhas e caminhadas ecológicas, com o objetivo de ter contato com a natureza, seja por motivos de lazer, científico ou educacional (VASCONCELOS, 1997). Portanto, a interpretação ambiental tornou-se a base do ecoturismo, mediante

o qual se pretende a aprendizagem empírica, prazer de desfrutar a natureza e as culturas autóctones, além de contribuir para a proteção do ambiente visitado. No entanto, na maioria dos casos, esta modalidade turística, quando acontece de forma desordenada, gera impactos negativos sobre o meio ambiente visitado, como a poluição de resíduos sólidos, sonora, visual (desenhos em árvores, pedra e rochas), coleta de plantas, animais ou minerais, e com incidentes ou acidentes que acabam afetando os atrativos ambientais.

O estabelecimento da prática sistemática de interpretação ambiental ocorre a partir da organização denominada National Park Service dos Estados Unidos no final dos anos 50. Surgiu com as trilhas ecológicas, pois era necessário sensibilizar o crescente número de visitantes que se dirigia, na época, aos parques de Yosemite e o *Grand Canyon*, sobre a importância da preservação daqueles santuários naturais (CAMPOS, 2006).

Enquanto na Europa, os conceitos de interpretação ambiental só foram utilizados nos anos 60, juntamente com o conceito de ecoturismo, através de trabalhos do *National Countryside Commission*, que aspiravam conseguir a valorização de áreas rurais, parques e reservas naturais.

Na década de 70, se sistematiza o conceito de trilhas interpretativas, que com a participação da comunidade, defendiam e

recuperavam várias áreas para o benefício da população e dos visitantes, todavia esse afã de promover as cidades europeias e norte-americanas para serem destinos turísticos, com base na interpretação ambiental, não trouxe bons resultados, porque a exclusão de pessoas locais no planejamento do turismo, causou a falta de um melhor desempenho das práticas turísticas escolhidas para esta promoção (MURTA; GOODEY, 2002).

Com o surgimento do paradigma de “desenvolvimento sustentável” e a evolução de suas teorias e práticas, na década de 90 do século passado, nasce a ideia de que se o turismo pode ser bem planejado, dentro dos princípios de sustentabilidade, e isso pode ter um impacto positivo e ser um catalisador para a preservação, conservação e revitalização de ambientes naturais e culturais. Assim, com o crescimento do turismo cultural e da natureza em suas várias formas, a interpretação ambiental tornou-se um veículo de comunicação essencial para despertar atitudes preservacionistas entre as comunidades receptoras, visitantes e empresas turísticas.

No Brasil, desde a criação do Parque Nacional do Itatiaia, em 1937, foi idealizada a criação de um sistema de trilhas organizadas, todavia, depois de 70 anos de sua criação, não há ainda um sistema de trilhas ou infraestrutura adequadas para o seu funcionamento. As trilhas não são

preservadas, e quase todos sofrem com o problema da erosão, da insegurança e a falta de mapas e placas sinalizadoras. A implementação de um sistema de trilha é extremamente importante, pois é uma via pedagógica importante para obter conhecimentos relacionados à fauna, flora, geologia, paisagens e as relações geocológicas que promovam o conhecimentos e aplicabilidade de forma sustentável.

Percebe-se, então, que os antecedentes históricos da interpretação ambiental estão associados com o desenvolvimento das viagens de exploração e ecoturismo, e mais recentemente, com o desenvolvimento de planos de atividades turísticas orientadas às modalidades recreativa e de intercâmbio com a natureza. No entanto, as fontes revisadas não evidenciam no contexto brasileiro nenhuma utilização desta categoria com fins didáticos e formal de ensino para direcionar o processo de ensino-aprendizagem, embora algumas escolas têm tentado a sua incorporação por meios não-formais e alguns projetos pontuais. Estes elementos demonstram que o potencial didático e metodológico da interpretação ambiental não tem sido aproveitado como uma via relevante para contribuir com uma educação ambiental significativa e com sentido pessoal para que os alunos possam agir de forma mais racional e comprometida ambientalmente.

REFLEXÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL COMO BASE PARA O ECOTURISMO

A literatura internacional reconhece que, em termos de ecoturismo planejado, interpretação ambiental (trilhas, caminhadas, cavalgadas) leva em conta os seguintes requisitos (ANZOLA, 1995; CEBALLOS, 1993; CROSBY, 1994; GONZALEZ e CASTAÑEIRA, [sa]):

- Objetivos da interpretação ambiental (porquê?)
- Público-alvo (a quem?)
- Locais de interpretação (onde?)
- Temas interpretativos (o que interpretar?)
- Procedimentos para a interpretação (como interpretar?, que modalidades e técnicas utilizar?)
- Elaboração de diretrizes para interpretação ambiental (planejamento).

Na prática da interpretação ambiental se desenvolvem modalidades formais e orientadas, tais como: interpretação crítica, palestras, trilhas orientadas, publicações interpretativas; e modalidades não formais: exposições ao ar livre, centros turísticos, trilhas interpretativas. Durante o processo de interpretação ambiental são utilizadas técnicas para facilitar a comunicação da mensagens interpretativas, tais como: estimulação e provocação ao visitante, analogias relevantes, uso do humor, criatividade, mistério, ou seja, a criação de

um clima adequado e agradável ao visitante (MARTINEZ e JUARRERO, 1999).

Para tais efeitos devem ser considerados os principais componentes sensoriais das imagens da paisagem natural (BOULLÓN, 1997), como formas, aromas, cores, luzes, texturas, sons, temperatura e atmosfera (névoa, por do sol, nascer do sol, umidade).

O sucesso do processo interpretativo tem sido favorecido pela qualidade ambiental do espaço visitado, razão pela qual devem ser levados em consideração indicadores como: grau de naturalidade, conforto térmico, valores paisagísticos, visibilidade, singularidade e exclusividade, a diversidade de formas, cores, tamanhos, sons, graus de contrastes, iluminação natural, acessibilidade, informação e sinalização (sinais interpretativos, placas, etc.), a proteção da trilha e de serviços disponíveis (ANZOLA, 1995; CEBALLOS, 1993; CROSBY, 1994; GONZALEZ e CASTAÑEIRA, [SA], MARTINEZ e JUARRERO (1999).

A CONCEPTUALIZAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

Se a escola não assumir uma postura crítica e reflexiva, esta não conduzirá o aluno a um nível de interpretação das questões ambientais, socioculturais e econômicas, a

tal ponto que ele se perceba como agente deste processo e como corresponsável pela preservação ou degradação do ambiente, além de ser um agente que poderá intervir neste contexto. Se não fosse dessa maneira, a educação se tornaria uma reprodutora do cruel modelo capitalista que incentiva o consumo excessivo e que reproduz a segregação social, a qual acaba eximindo o ser humano pelo simples fato de ignorar a sua participação nessa realidade.

Se o homem não conhece a natureza, gera ações destrutivas, portanto, sofrerá as consequências da degradação da natureza e da reversibilidade das situações. Assim, a transgressão e o desconhecimento da dinâmica da natureza pode intervir negativamente na qualidade de vida das pessoas.

A interpretação ambiental pode ser fundamental para mudar essa realidade, pois é um processo subjetivo que ocorre entre os seres humanos e o meio ambiente, através de mecanismos perceptivos, afetivos e cognitivos em que cada indivíduo percebe, reage e responde diretamente às ações no meio ambiente, bem como pode consolidar a comunicação social orientada à sensibilização dos estudantes para a sua participação no processo de conservação ambiental. É possível que os alunos percebam e reconheçam o contexto em que estão inseridos numa perspectiva de produção de conhecimento, reconhecimento e crítica em relação ao seu território.

Neste sentido, interpretação ambiental possibilita um cenário favorável ao desenvolvimento de uma nova relação entre o homem e a natureza, e entre o homem e a sua própria sociedade, na consolidação de uma consciência ambiental que reconheça a importância e o valor de todas as formas de vida, bem como da responsabilidade de elaboração de um novo pensamento coletivo e planetário. Na medida em que o aluno compreende a si mesmo e ao mundo em que vive, ele poderá agir de forma a contribuir para a construção de um mundo que muitos sonham e desejam; com uma sociedade mais humana, justa, solidária e eticamente sustentável.

Em 1957, Freeman TILDEN, dramaturgo e filósofo americano, lançou as bases da filosofia da interpretação ambiental, e a conceituou como a revelação do significados, relações dos fenômenos naturais por meio de experiências práticas e interpretativas, ao invés da simples comunicação de dados e fatos (MURTA; GOODEY, 2002, p.18).

Diferentes autores enfocam os aspectos fundamentais que, do ponto de vista conceitual, são assumidos no âmbito da investigação científica. Para Tilden é “uma atividade educacional através da qual trata-se de revelar os significados e relações do meio ambiente - através da utilização de objetos originais, experiências diretas e meios ilustrativos-, e não simplesmente de transmitir informações” (MURTA, GOODEY, 2002, p. 18).

Neste sentido, a interpretação ambiental tem sido reconhecida como “um processo educacional que utiliza a sensibilidade artística e dados científicos para perceber, refletir, avaliar, transmitir características naturais e culturais do ambiente e que permita ao indivíduo alcançar a consciência ambiental” (Taller de Guadalajara, apud MARTINEZ e JUARRERO, 1999).

Está implícito neste conceito a intenção formativa de uma cultura ambiental, sobretudo no âmbito educacional, quando compreende que a interpretação é uma arte de explicar o lugar do homem em seu meio, a fim de aumentar a consciência deste sobre a importância desta interação, e despertar nele um desejo de contribuir para a conservação do meio ambiente. Esta ideia é reforçada pelo reconhecimento de que contribui para *“ajudar o visitante a sentir o que o guia-intérprete sente – a senso de beleza, complexidade e interação com o ambiente, um sentimento de admiração e um desejo de conhecer”* (Harold TALLIN, 1965, apud Solar, 2003). Na verdade, torna-se *“um serviço de informação, orientação, educação, entretenimento, propaganda e inspiração”* (Yorke EDWARDS, apud MARTINEZ e JUARRERO, 1999).

Em sua contribuição formativa, as definições de interpretação ambiental a enfatiza como um conjunto de técnicas educacionais que traduzem informações sobre os elementos e processos naturais e culturais de maneira compreensível e atraente para

gerar uma atitude positiva do homem ao ambiente (Taller de Chile 1985, apud MARTINEZ e JUARRERO, 1999).

TILDEN (1967, apud MURTA; GOODEY, 2002; p.18) além de definir o conceito de interpretação, também criou seis princípios, que são clássicos e orientam a filosofia do esquema interpretativo, os quais são contemplados nas definições acima. Estes são:

- Sempre focar os sentidos do visitante, de modo que permita estabelecer a consciência pessoal sobre determinadas características do ambiente.
- Revelar sentidos sobre a base da informação e não limita-los a apenas informar.
- Utilizar artes visuais e de animação, seja material científico, histórico ou arquitetônico.
- Instruir, porém provocando, estimulando a curiosidade do visitante, incentivando a exploração mais profunda do que está sendo interpretado.
- Apresentar e contextualizar a história completa, em vez de apresentar parte dela.
- Ser acessível a um público amplo, considerando as necessidades individuais.

O autor, TILDEN, afirma em alguns dos princípios, que a interpretação não se destina apenas a informar e instruir, mas também provocar nas pessoas estados emocionais e vínculos afetivos com a realidade que estão interpretando. Esta provocação tem um sentido de converter a interpre-

tação em uma ferramenta para estimular mudanças de atitudes nas pessoas no que diz respeito ao meio ambiente, tornando-os atuantes eficazes em sua preservação. A partir da definição de interpretação de TILDEN, MURTA e GOODEY (2002; p.18) incorporaram mais quatro princípios de interpretação:

- Iniciar a interpretação de acordo com a comunidade, estimulando o intercâmbio de conhecimentos e de recursos.
- Adotar uma abordagem ampla, ligando tópicos do passado, presente e futuro, enfatizando a dimensão socioeconômica, ao lado das dimensões históricas, ecológicas e arquitetônicas.
- Não tentar vender uma verdade universal, mas destacar a diversidade e pluralidade cultural. Sua interpretação deve incentivar a aceitação e a tolerância como valores democráticos.
- Considerar sempre o atendimento ao cliente, indicando ou mantendo serviços básicos, como instalações sanitárias, segurança, áreas de descanso e estacionamento, que são essenciais para uma experiência agradável no lugar.

Nota-se que este último princípio desenvolvido pelos autores é direcionado para os aspectos estruturais que devem possuir os serviços de interpretação ambiental para garantir a melhor qualidade.

Outra importante contribuição que pode ser agregada aos princípios acima decla-

rados pelos autores é a ideia de conquistar uma empatia com a comunidade, a fim de desenvolver um maior intercâmbio de conhecimentos.

Através dos primeiros autores TILDEN, MURTA e GOODEY (2002), pode-se realizar uma interpretação mais eficiente, pois é proporcionado meios e técnicas adequados ao lugar ou objeto que se deseja interpretar. Estes princípios podem ser assumidos como antecedentes para se aplicar a interpretação ambiental como um recurso didático para a educação ambiental. Alguns deles estabeleceram as normas propostas por esta investigação, ou seja, de utilizar a interpretação ambiental como uma via metodológica para a formação da cultura ambiental dos professores.

A interpretação envolve a tradução da linguagem técnica da ciência em linguagem que corresponda às ideias que possuem as pessoas que não são especialistas, para que possam facilmente compreender os fatos. Isto significa tornar compreensível a linguagem acadêmica por todos os sujeitos que aprendem. Na verdade, de acordo com VASCONCELOS (1997), é necessário apresentar uma tradução da linguagem da natureza à linguagem comum do povo, fazendo com que este veja um mundo que nunca tinha visto antes.

Além disso, a interpretação ambiental deve ser caracterizada pela informalidade e sedução, pela provocação de estímulos, da

curiosidade e a reflexão, bem como pelo uso de interações, comparações e analogias com experiências reais, abordando questões relevantes em seus aspectos, geralmente despercebidos ou aparentemente insignificantes, ou seja, que provoque uma forte motivação no sujeito que aprende, que estimule nele a atenção voluntária, para gerar experiências afetivas ao mesmo tempo que o estimule para o processo de aquisição de conhecimentos.

A interpretação ambiental como via metodológica é coerente com o princípio da unidade do cognitivo e afetivo ao sujeito.

Do ponto de vista educacional e didático, os conceitos e princípios previstos pelos autores anteriormente citados têm grandes valores e podem contribuir para a formação da cultura ambiental dos professores, pois concebem a interpretação ambiental como uma atividade educativa, que revela significados, permitindo o contato direto do sujeito com os objetos em um momento essencial para a compreensão dos fatos.

Percebe-se, então, que os conceitos apresentados constitui em um recurso valioso para a utilização de interpretação como uma via metodológica para a formação de cultura ambiental dos professores; no entanto, eles são direcionados principalmente para o uso da interpretação ambiental como via metodológica em atividades informais, como um recurso para guias de

turismo nas trilhas ecológicas e é usado de forma não sistemática. Portanto, é necessário elaborar um conceito de interpretação ambiental de modo que ele possa ser usado como uma referência teórica para orientar as atividades formais de ensino, desde uma perspectiva proativa e eficaz na transformação do pensamento e das ações negativas em relação ao meio ambiente, tornando possível uma intervenção consciente e harmoniosa do ser humano com o seu meio de forma positiva.

Assim, a autora define como interpretação ambiental aquela atividade educativa que requer ser orientada metodologicamente, com o fim de revelar os significados e os valores que os objetos, fenômenos e processos que fazem parte do patrimônio cultural e natural da humanidade, tem para os seres humanos, a fim de que estes tenham uma percepção holística e integradora da realidade e convertam ações negativas do homem sobre o meio ambiente, em ações positivas, que permitam uma convivência harmoniosa entre a natureza e a sociedade.

Dentro do conceito de interpretação ambiental elaborado pela autora, é necessário destacar alguns traços característicos para esta abordagem metodológica, tais como:

- Conceber a interpretação ambiental como uma atividade educativa implica, em primeiro lugar, uma base orientadora da ação; para quê, o quê, como e com que recursos serão interpretados

os objetos e fenômenos que fazem parte do patrimônio cultural e natural da humanidade, ou seja, requer uma abordagem metodológica precisa, portanto, deve ser previamente planejada.

- Como uma atividade educativa, também implica que o sujeito, na relação direta com os objetos e fenômenos que o cercam, adquira conhecimento, se instrua e desenvolva competências e habilidades de interpretar e formar valores.
- Requer que o sujeito adquira uma sensibilidade capaz de dar significado e sentido pessoal de forma consciente, para que este possa ter uma percepção holística e integradora da realidade.
- Que promova uma transformação das ações negativas do homem sobre o meio ambiente em ações positivas, que permitam uma convivência harmoniosa entre natureza e sociedade.

É preciso destacar que um elemento verdadeiramente novo no conceito é a ênfase se deve ter na orientação metodológica ao profissional, de maneira tal que este tenha clareza e precisão sobre o processo e os resultados que se esperam da interpretação ambiental, para que esta se converta em uma via metodológica para alcançar a transformação do homem em sua relação com a realidade através da aquisição da cultura ambiental.

O principal objetivo da interpretação não é a instrução somente, mas a provocação

de estímulos motivacionais e afetivos que possibilitem experiências positivas aos sujeitos. Assim, torna-se um desafio no sentido de contribuir para que as pessoas entendam o seu ambiente e percebam um mundo nunca antes observado. A maneira pela qual esta conversão é realizada, isto é, a abordagem interpretativa é a diferença essencial entre a interpretação ambiental e a simples transmissão da informação.

Educar é uma ação que ultrapassa, que transcende a simples transmissão do conhecimento e da informação sobre um determinado tema. Educar significa conduzir através de um processo permanente; é a expressão de todas as potencialidades e possibilidades de interpretar as organizações e as transformações do espaço geográfico (FREIRE, 1996). Assumindo este conceito, entende-se que a educação ambiental visa não só a aquisição de informações e conhecimentos sobre o meio ambiente, mas saber como interpretá-lo, de modo que tal interpretação conduza a uma compreensão e sensibilização que promova mudanças de comportamentos, bem como uma determinação para a ação e a busca de atitudes conscientes e éticas para minimizar ou resolver problemas ambientais.

Na base da educação ambiental deve estar a interpretação e a leitura crítica do contexto, bem como um sentimento de pertencimento e compromisso afetivo em todos os segmentos, seja ambiental, so-

cial e cultural. É necessário, portanto, que que o professor se sensibilize e compreenda a verdadeira essência da educação ambiental, e desta forma perceba o sentido daquilo que ensina e, conseqüentemente, que o aluno compreenda o sentido naquilo que é ensinado.

GADOTTI (2002) enfatiza sobre a importância de dar sentido ao que é ensinado, a fim de despertar o interesse do aluno sobre o que se aprende; isso é, portanto, essencial para uma prática pedagógica emancipatória, que não se preocupa apenas em transformar informação em conhecimento, mas também em capacitar pessoas com um sentido para a vida. Desta maneira, defende: *“Sentido quer dizer caminho não percorrido, mas que se pretende percorrer, portanto, significa, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente”* (2002, p.3).

É evidente que os alunos devem ser incentivados a ter sua curiosidade perspicaz acerca da realidade cotidiana, o que os levam a refletir e interagir a partir de uma base crítica. Desta forma, os alunos percebem sentido naquilo que aprendem; portanto, a sensibilidade e a afetividade devem ser trabalhadas no sentido de conceber a interpretação ambiental como uma via metodológica de projeto futuro, no sentido de garantir a todos uma aprendizagem para toda a vida.

O ser humano, enquanto intérprete das questões ambientais, estará mais sensível e predisposto a assumir uma nova postura que poderá contribuir para que os danos ambientais possam ser minimizados, desde uma escala local até uma dimensão global. Todavia, o sistema educacional brasileiro ainda não trabalha a partir da perspectiva da interpretação ambiental como uma via metodológica relevante para a formação de uma cultura ambiental e que contribua para uma educação ambiental efetivamente significativa e emancipadora.

Diferentes olhares sobre a Proatividade

O termo Proatividade está sendo bastante empregado pelas empresas. Prega-se que os diretores e gerentes devem ser proativos e também que as empresas construam seus resultados pautados nesta perspectiva, mesmo que nem todos coincidem em uma forma de definir proatividade. Porém, apesar de extremamente necessário na postura dos educadores e educadoras, essa reflexão ainda é pouco socializada no meio educacional. Este conceito tem diversos sentidos, como acontece com tantos outros termos que recentemente estão sendo introduzidos no vocabulário do mundo empresarial, mas que não se encontram no dicionário. A seguir, seguem algumas destas definições.

COVEY (2009) argumenta que a capacidade de liderar sua própria vida é a essência marcante do proativo, que à margem do que passe a seu redor, a pessoa proativa usa do seu poder único de decisão diante dos estímulos e concentra seus esforços em seu círculo de influência, ou seja, se dedica àquelas coisas com relação as quais se pode fazer algo. Para ele a proatividade não significa apenas ter a iniciativa, mas assumir a responsabilidade de fazer com que as coisas aconteçam; decidir em cada momento o que se quer fazer e como fazer.

Ralf SCHWARZER (1999) acredita que o fato de uma pessoa se comportar proativamente é reflexo de sua crença em seu potencial para benefício próprio, de possibilidades de enfrentamento e superação do seu contexto. As pessoas que se orientam por esse comportamento antecipam ou detectam possíveis situações de stress e atuam para evitá-los. Desta forma, pode-se pensar que a proatividade está diretamente relacionada à sensação de controle e auto-eficácia. As pessoas que se consideram eficazes, que pensam que podem controlar a situação e solucionar seus problemas, têm mais facilidade para empreender a ação.

BATEMAN e CRANT (1993) defendem que o comportamento proativo implica criar mudanças, não apenas antecipá-las. Segundo estes autores, ser proativo não consiste unicamente em ter flexibilidade e

condição de adaptação com um futuro incerto, mas que é preciso tomar a iniciativa para melhorar o contexto.

Todos esses precursores do pensamento proativo coincidem que o comportamento movido por sentimentos positivos, ousados e motivados; remete a um comportamento capaz de submeter os sentimentos aos valores e princípios; que ser proativo é ser responsável, sobretudo, por si mesmo, e que os comportamentos tornam-se resultados de decisões tomadas, e não das condições externas, ou seja, ser proativo é ter iniciativa e responsabilidade suficiente para fazer as coisas acontecerem conforme sua própria decisão e vontade. Portanto, essa condição é extremamente necessária no contexto educacional, visto a grande necessidade de reverter um quadro altamente desfavorável, sobretudo quando se refere ao estado emocional, tanto dos educadores e educadoras, quanto dos discentes, bem como também dos resultados qualitativos deste processo.

Assim, a proatividade torna-se pertinente no contexto educacional brasileiro, visto que os problemas relacionados ao processo formativo dos estudantes no cenário nacional são eminentes, onde o profissional cada vez mais enfrenta as mazelas de um modelo de sociedade que prioriza as relações profissionais em detrimento das relações familiares e educacionais. Urge a necessidade de repensar sobre os posicionamentos e enfrentamentos desta

profissão, numa perspectiva otimista, que contribua para um processo de superação profissional e pessoal.

Assim, as investigações e difusões de ações proativas constituem-se, efetivamente, em uma via possível de construção de um estilo de vida pautado em perspectivas fundamentadas em sentimentos de esperança e de crenças que sobrepõem os entraves que contribuem para a avalanche de desânimo e descrédito que assolam os profissionais da educação, bem como uma grande leva de estudantes.

OS REFLEXOS DA PROATIVIDADE NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

Analisando vários trabalhos publicados sobre proatividade e sucesso profissional, percebe-se que os distintos estudos em que analisam o comportamento proativo, apresentam como resultado da ação, várias medidas exitosas, liderança, rendimento e resultados de carreira. Estes pesquisadores investigaram um número significativo de banqueiros, vendedores, estudantes de MBA, empreendedores, presidentes de empresas, entre outros, e afirmam que o comportamento proativo tem consequências positivas demonstráveis tanto para os empregados quanto para as organizações.

Diante deste contexto, torna-se pertinente as investigações que se propõe a pesqui-

sar sobre a proatividade desde a perspectiva pedagógica. COVEY (2009) defende que todos devem se reeducarem e reinventarem a si próprios constantemente, e que a maneira como vemos o problema é que constitui o problema de muitos. ALVES (1994) sempre defendeu a ideia da grande necessidade de se educar, antes de tudo, os olhos. A visão deve ser a primeira a ser educada, para que, através do olhar de esperança, da pureza e da “boniteza”, como diz GADOTTI (2002), tanto os alunos como os professores sentirão maior prazer no ato de aprender e ensinar.

Analisando o contexto educacional brasileiro, o qual apresenta um relevante quadro de professores “doentes” psicológica e emocionalmente; alunos desinteressados, violência no ambiente escolar, enfim, uma série de problemas que marcam o cenário educacional, justifica a possibilidade de encontrar nas ações orientadas pela proatividade, uma via possível de minimizar ou quiçá resolver estes problemas.

De acordo com estudos publicados por BATEMAN e CRANT (1993), as características que marcam uma pessoa proativa são as seguintes:

1. Estão buscando continuamente novas oportunidades.
2. Marcam objetivos efetivos orientados às mudanças.
3. Antecipam e preveem problemas.

4. Desenvolvem atividades diferentes ou atuam de forma diferente.
5. Empreendem a ação e se aventuram apesar da incerteza.
6. São perseverantes e esforçadas.
7. Conseguem resultados perceptíveis, já que estão orientadas a resultados.

Um profissional da educação que assume estas características em sua missão de educador, com certeza fará a diferença no sentido de motivar para as transformações esperadas através do processo ensino aprendizagem.

Desta forma, pode-se entender que, assim como indica todos estes estudos, o comportamento proativo é um fator determinante para a sobrevivência e a superação em um ambiente em constante transformação e que apresenta as complexidades e dificuldades como o atual. A educação necessita de pessoas flexíveis, que se adaptem ao inesperado e às mudanças, que saiba questionar as incertezas e, sobretudo, ousem se permitir a experimentar um estilo de trabalho que implica a responsabilidade de gerar novas ações para alterar sua situação e conseguir os resultados que desejam.

Um educador proativo sabe que está sujeito ao erro, porém este não é o fim do processo, senão etapas necessárias para o aperfeiçoamento do êxito. Este entende que o sucesso ou o fracasso não são experiências que ocorrem instantaneamente,

mas que são resultados de pequenas ou grandes decisões tomadas ao longo do caminho, portanto, não há fracassos na vida, há resultados, bons ou ruins, entretanto, sempre resultados.

Roger VON OECH (apud MASON, 2007, p. 94) faz a seguinte reflexão:

Lembre-se, o fracasso traz dois benefícios. Em primeiro lugar, se você fracassar, descobre o que não funciona; e, em segundo lugar, o fracasso lhe dá a oportunidade de tentar uma abordagem nova (...)
A maioria pensa que sucesso e fracasso são opostos, mas, na verdade, ambos são produtos do mesmo processo.

Arthur GUITERMAN, também citado por MASON (2007, p. 15) diz que “admitir os erros zera o placar e faz você mais sábio do que antes”. Portanto a ousadia é uma atitude de coragem, entendendo que o erro nem sempre traz resultados negativos no final do processo.

Outra declaração interessante sobre o erro é a de Michael JORDAN, que diz: “Já errei mais de 9 mil arremessos na minha carreira. Já perdi quase 300 jogos. Vinte e seis vezes me confiaram o arremesso que definiria a vitória no jogo... e eu errei. Já falhei seguidamente na minha vida. E foi por isso que tive êxito” (MASON, 2007, p. 14).

O educador e educadora devem entender, portanto, que são responsáveis pela admi-

nistração de sua missão e que não devem ficar presos às queixas contra o sistema ou o contexto desfavorável. Ele ou ela devem compreender que a missão de ser educador é deixar as pessoas melhores do que eram antes de sua intervenção pedagógica. Para isso é preciso ousar, o que implica a tomada de decisão, planejamento, criatividade, e, sobretudo, acreditar em suas potencialidades.

No mercado de trabalho, antes de perder o emprego, há pessoas que caem em depressão; por outro lado, outras aproveitam esta situação para montar um negócio próprio e triunfar. Da mesma forma, o profissional da educação não deve se enganar atribuindo a responsabilidade de seus problemas unicamente a agentes e situações externas. É preciso ter a responsabilidade de escolher suas próprias respostas diante do que lhe é apresentado e de dirigir a ação de uma maneira inteligente.

Considerações Finais

Para superar esse contexto altamente desfavorável pelo que passa os profissionais da educação brasileira e obter sucesso em sua missão, bem como para disseminar uma cultura ambiental, é preciso se converter em um agente ativo de mudanças, ter iniciativas e saber enfrentar as incertezas. A pessoa proativa não espera que os

demais tomem decisões por ela; atua com determinação, antecipando problemas, vai a campos operacionais e acredita constantemente em novas oportunidades.

Os olhos dos educadores devem ser educados para verem um mundo de possibilidades. É preciso educar os olhos para ver um mundo melhor e mais bonito, essa deveria ser a primeira tarefa da educação. Um educador ou educadora jamais proporcionará um espaço de transformação pessoal, intelectual ou profissional se ele ou ela não conseguirem ver essas possibilidades. Portanto, muitas das mazelas da educação estão no olhar dos profissionais, está no estado emocional e espiritual destes. ALVES (1994) foi um grande defensor desta ideia, pois sempre defendeu que as palavras só tem sentido se nos ajudam a ver um mundo melhor, e que aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem e mais, o ato de ver não é um ato natural, precisa ser aprendido

A interpretação ambiental através de olhos proativos não tem nada a ver com ativismo ou hiperatividade, também não significa atuar às pressas, de forma caótica, pontual e desorganizada, deixando-se levar pelos impulsos do momento. Educadores proativos não são pessoas agressivas, arrogantes ou insensíveis, pois se orientam por valores e sabem que devem atuar em consequência da esperança e do desejo de criar, de ajudar, de desenvolver e de se

relacionar positivamente com seus companheiros, procurando ao máximo contribuir com seu progresso.

Desta forma, a interpretação ambiental torna-se uma possibilidade para a promoção de comportamentos proativos orientados a resultados, a um espaço de transformação de expectativas e contextos. Ser educador proativo não consiste unicamente em propor ideias ou fazer reestruturas cognitivas para perceber a realidade de outra maneira. É muito bom pensar em mudanças, mas não é suficiente; tem que ser capaz de transformar ideias em ações para obter resultados.

Considerando que, se a proatividade constitui um valioso referencial de transformação pessoal e social no mercado empresarial, da mesma forma ela pode se convergir em um instrumento para transformar o contexto educativo brasileiro, sobretudo no que se refere às questões ambientais.

Entendendo que uma equipe que compreende a necessidade de assumir uma postura proativa e efetivamente se comprometer em buscar alternativas para possibilitar um espaço que realmente venha contribuir para um processo de transformação dos discentes, proporcionando a oportunidade destes reescreverem suas histórias, seria o caminho mais óbvio e mais digno para a construção da verdadeira cidadania, através da educação.

A verdadeira cidadania só será atingida a partir do momento em que a educação desempenhar sua função social na vida daqueles que buscam, através desta, um caminho que lhes permitam saborear o sentimento de liberdade, de escolha e da verdadeira autonomia do pensar e decidir na perspectiva da sustentabilidade.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. (1994). *A alegria de ensinar*. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora.
- ALVES, Rubem. (2008). *Conversas com quem gosta de ensinar*. 10ª ed. Campinas, SP : Papirus.
- ANZOLA, R. (1995). *Manual curso diseño del producto de ecoturismo*. Washington D.C. : Instituto Interamericano de Turismo.
- BATEMAN, T. S., & CRANT, J. M. (1993). The proactive component of rganizational behavior: a measure and correlates. *Journal of Organizational Behavior*.
- BATEMAN, T. S., & CRANT, J. M. (1999). *Proactive Behavior: Meaning, Impact, Recommendations*. Business Horizons.
- BOULLÓN, R. (1997). *Planificación del espacio turístico*. México: Editorial Trillas.
- CAMPOS, Ângelo N. (2006). *Turismo: a relação do ecoturismo e das trilhas interpretativas*. *Revista Espaço Acadêmico*, ano V no. 57.
- CARVALHO, Edione T. (2007). *Estrategia de Superación Profesional para contribuir a la formación de la cultura ambiental de los profesores de Campo Verde-MT, Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências Pedagógicas. Universidad Central Marta Abreu de Las Villas – Cuba. Santa Clara.
- CEBALLOS-Lascurain, H. (1993). *El ecoturismo y las áreas protegidas en América Latina y el Caribe*. Flora. En: *Fauna y áreas silvestres*. Chile, FAO-PNUM.
- COVEY, Stephen R. (2009). *Os 7 Hábitos das pessoas altamente eficazes*. 33ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller.
- CROSBY, A. y otros (1994). *Interpretación ambiental y turismo rural*. Madrid : Centro Europeo de Formación Ambiental y Turística.

- FREIRE, Paulo. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo : Paz e Terra, Coleção Leitura.
- GADOTTI, M. (2002). *A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentidos*. São Paulo: Cortez.
- GONZÁLEZ, A. y M. A. CASTAÑEIRA /Coordinadores/(SA). *Curso de áreas protegidas de Cuba y conservación del patrimonio natural*. Tabloide y apuntes de Universidad Para Todos. CITMA. Grupo de Edición Editorial Academia. La Habana.
- MARTÍNEZ, R. y Juarrero de Verona, C. (1999). *Manual. Curso Taller de Interpretación Ambiental en Áreas Protegidas*. Topes de Collantes. 13 al 18 de septiembre de 1999. Centro Nacional de Áreas protegidas, CITMA. Cuba.
- MASON, J. (2007). *Imitar é Limitar: seja a pessoa única que Deus projetou*. São Paulo: Vida.
- MICALDAS, André C. (2004). *Iniciação à interpretação ambiental*. Módulo I. Rio de Janeiro : [s. n.].
- MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. (2002). *Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual*. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte : UFMG.
- SCHWARZER, R. (1999). *Proactive Coping Theory*. Paper presented at the 20th International Conference of the Stress and Anxiety Research Society (STAR), Cracow, Poland.
- SOLAR Navarro, María del Pilar. (2003). *Elaboración de un plan de interpretación ambiental sobre flores nativas en el Valle Las Trancas*. Santiago de Chile : Pontificia Universidad Católica de Chile-Facultad de Agronomía e Ingeniería Forestal. Disponible en: http://www.puc.cl/agronomia/2_alumnos/ProyectosTitulos/pdf/CienciasForestales/MaPiedaddelSolar.pdf Acceso en: 15 de octubre de 2005.
- SPIX, J. B. von, MARTIUS, C. F. P von. (1976). *Viajem pelo Brasil*. São Paulo : Melhoramentos; Brasília : INL/MEC.
- VASCONCELOS, Jane Maria. (1997). *Trilhas interpretativas como instrumento de educação*. In: *Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Anais*. Vol. I. Curitiba-PR. IAP; Unilivre: Rede Nacional Pró Unidade de Conservação. Curitiba.